

O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS: CONTRIBUIÇÕES DE CLAUDE BAYER

Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura¹
Faculdade de Educação Física da Unicamp

RESUMO: Este trabalho objetiva apresentar e discutir as idéias de Claude Bayer sobre o ensino dos esportes coletivos, bem como suas implicações para a atuação do professor de Educação Física. Sua principal contribuição é considerar os esportes coletivos a partir de suas semelhanças estruturais. Dessa forma, o professor deve garantir nas fases iniciais a aquisição por parte dos alunos dos princípios operacionais dos esportes coletivos, para, em seguida, desenvolver as regras de ação e as atitudes específicas de cada modalidade. Dessa forma, o aluno conseguirá transferir os princípios operacionais para outras situações de jogo e outras modalidades. A partir dessa metodologia - chamada pelo autor de Pedagogia das Intenções - evita-se a especialização precoce em uma modalidade esportiva, além de incentivar no aluno a inteligência tática, que garantirá um acesso ao conhecimento esportivo de forma criativa e autônoma.

UNITERMOS: Esportes Coletivos; Educação Física; Metodologia

Perante o grande número de esportes coletivos que existem atualmente e que nas últimas décadas tornaram-se fenômenos sócio-culturais, o docente encontra-se desarmado no momento da escolha, dando sua preferência às condições materiais ou pessoais. Ao ensinar somente uma modalidade esportiva, o professor acaba restringindo aos alunos a vivência das mais variadas formas de expressão da cultura corporal. Além disso, um dos fatores que mais dificulta o acesso a esta manifestação cultural é a falta de propostas metodológicas que possibilitem uma compreensão da lógica do jogo e que, sobretudo, trabalhe com as diferentes modalidades esportivas coletivas.

Os problemas relativos ao ensino dos esportes parecem se concentrar, principalmente na ênfase que se dá ao ensino da técnica de cada modalidade em detrimento do ensino da tática. Assim, ensina-se o modo de fazer desvinculado das razões de fazer (Garganta, 1995)². Essa forma de ensinar os esportes tem por parâmetro a prática de equipes de alto rendimento. Assim, o professor tenta reproduzir na iniciação os movimentos esportivos realizados pelos atletas, na suposição de que basta o aluno possuir as técnicas de uma modalidade esportiva para ser capaz de praticá-la de forma competente. Sendo o esporte uma expressão da cultura humana, deve ser visto como algo dinâmico, passível de variações em função dos diferentes contextos onde ocorre. É nesse sentido que recorreremos aos estudos do autor francês CLAUDE BAYER³, no intuito de discutir uma das questões mais relevantes dos esportes coletivos: o seu ensino.

Contribuindo imensamente para o aprofundamento desse debate, o autor demonstra que na estrutura dos diferentes esportes coletivos existem *princípios comuns* passíveis de uma transferência. Esse processo, chamado pelo autor de **transfert**, facilita a aprendizagem quando um jogador percebe num jogo, uma estrutura semelhante já encontrada em outro esporte

¹ O Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura é coordenado pelo Prof. Dr. Jocimar Daolio e composto por: Andréia de Lima, Diná Teresa Ramos de Oliveira, Hernan Hourcade, Jane Gonçalves de Carvalho, Luciana Pedrosa Marcassa, Marco Bettine, Patricia Fahl e Tania Leandra Bandeira.

² Discutimos este assunto com detalhes num outro trabalho intitulado "O Ensino dos Esportes Coletivos", apresentado no X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, realizado em Goiânia em 1997.

³ Estaremos nos referindo neste trabalho à obra de Claude Bayer intitulada "O Ensino dos Desportos Colectivos", cuja referência completa está citada ao final do texto.

coletivo. Portanto é a percepção de cada aluno, sua capacidade discriminativa construída em função de suas experiências vividas, que permite a ele descobrir que os mesmos princípios se aplicam a tarefas diferentes. Assim o aluno tornar-se-á capaz de tratar os princípios de forma estruturalmente análoga.

Esses princípios comuns que constituem a base, o ponto de partida no ensino dos esportes coletivos, são enunciados pelo autor como **princípios operacionais**, passíveis de transferência, e sua assimilação poderá facilitar a intervenção de cada jogador no jogo.

Todo esporte coletivo possui uma lógica interna, uma especificidade, que se constrói a partir de seis invariantes que lhes são comuns, o que constitui sua estrutura. São elas:

1. um objeto (a bola);	4. a presença de parceiros;
2. um espaço determinado;	5. a presença de adversários;
3. um alvo a atacar e outro a defender;	6. regras específicas.

A partir dessas invariantes, é possível pensar nas semelhanças entre as várias modalidades. Há um espaço determinado no qual se realiza o jogo; há uma bola a ser conduzida, passada e protegida, com as mãos ou com os pés; há um alvo a atacar e outro a defender, podendo ser uma cesta ou um gol; há parceiros com quem se deve articular o ataque; há adversários que devem ser marcados ou persuadidos. Nesse momento do ensino dos esportes coletivos, ainda não ocorre a tipificação por modalidades. Nessa fase do processo ensino-aprendizagem dos esportes, deve haver a preocupação em fazer o aluno compreender e praticar os princípios operacionais, que poderão, futuramente, ser transferidos para várias modalidades esportivas.

Os princípios operacionais podem ser identificados em duas grandes situações nos esportes coletivos: a defesa e o ataque. A defesa inicia-se quando há perda da posse de bola, porém não é necessário esperar que isso ocorra para iniciá-la, uma vez que é possível prever as respostas do adversário visando a manter a posse de bola.

De acordo com Bayer, os princípios operacionais da defesa são: **1.** recuperação da bola; **2.** incomodar a progressão do adversário; **3.** proteção do alvo ou do campo. A marcação é um elemento comum nos diferentes esportes coletivos, tendo por função opor-se ao atacante por meio de ocupação do espaço e de deslocamentos, tentando incomodar ou paralisar as iniciativas do adversário. De maneira geral, a marcação pode ser por zona, onde todos os jogadores deslocam-se em função da bola, porém sem descuidar-se do adversário, e individual, na qual privilegia-se o adversário.

O ataque inicia-se logo que a posse de bola é ou está por ser recuperada. É determinado pela forma defensiva dos jogadores, ainda quando estão sem a posse de bola, e pelas atitudes - **intenções táticas individuais** - que são regidas pelos princípios operacionais, a partir dos quais os jogadores irão articular todas as ações coletivas. Os princípios operacionais de ataque são: **1.** conservação da bola quando recuperada; **2.** progressão ao alvo adversário; **3.** realização de um ponto. Na aplicação destes princípios os atacantes devem considerar a posição da bola, os espaços livres, a situação dos companheiros e o objetivo a atacar.

Resumindo, temos o seguinte quadro dos princípios operacionais elencados por Bayer nos esportes coletivos:

ATAQUE	DEFESA
conservação da bola	recuperação da bola
progressão dos jogadores e da bola para o alvo adversário	impedir a progressão dos jogadores e da bola para o próprio alvo
atacar o alvo adversário, visando fazer um ponto	proteção do alvo e do campo próprios

Aqui cabe lembrar que o voleibol precisa de uma atenção especial frente aos princípios operacionais, porque estruturalmente é diferente de outras modalidades esportivas coletivas. A presença de rede, a impossibilidade de penetrar no campo adversário, a concepção de alvo, entre outros aspectos, são características que modificam a aplicação pura e simples destes princípios. O futebol (tanto o de salão quanto o de campo), o basquetebol ou o handebol, além de outras modalidades esportivas, apresentam estrutura comum: são jogos que permitem a invasão do campo adversário, que solicitam a posse e a circulação de bola e que definem alvos fixos a atacar e a defender.

Os princípios operacionais permitem que os jogadores atuem de forma autêntica e decisiva à medida que dão sentido e modificam os componentes que constroem o jogo. Entretanto, a atitude de cada jogador parte da mesma base comum, o que facilita sua integração nas estruturas de ataque e defesa. Independentemente da situação ou do nível do jogador, cada um irá construir sua aprendizagem partindo de princípios operacionais comuns. Para tanto, o aluno deverá compreendê-los, integrá-los e respeitá-los para que a transferência seja possível em novas situações de jogo ou mesmo em diferentes esportes coletivos.

Porém, por si só os princípios não garantem a aprendizagem prévia de nenhum esporte coletivo, nem mesmo devem ser encarados num processo de aprendizagem determinada. O professor deve saber quando e qual princípio deve enfatizar em função da compreensão, das necessidades e dos interesses dos alunos.

O autor defende para o ensino dos esporte coletivos uma **Pedagogia das Intenções**, que se constitui num tipo de pedagogia que solicita ao máximo os poderes decisórios do aluno, a sua reflexão tática. O aluno, mais do que reproduzir certos gestos esportivos, deverá se comportar ativamente no jogo, compreendendo as razões de fazer determinados movimentos. De acordo com esta pedagogia, ocorre “(...) a revalorização da criança enquanto ser que age, enquanto produtor do seu jogo e construtor do seu futuro” (p.65).

As ações do jogador são denominadas por Bayer de **intenções táticas individuais**. Envolvido nos acontecimentos do jogo, este reage intencionalmente para modificar a evolução da situação num sentido favorável para si e sua equipe. A intenção manifesta é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, pois as diferentes intenções táticas individuais completam-se, articulando-se umas com as outras para o funcionamento da estrutura do jogo - a tática coletiva.

O jogador deve aplicar os princípios operacionais adaptando-os continuamente à realidade das situações encontradas por meio daquilo que Bayer chama de **regras de ação**. Segundo ele, as regras de ação são “(...) os fatores de execução, os meios de sistemática de base, para poder intervir de maneira eficaz e resolver os problemas postos. Estes fatores

consistem em ações que supõem um processo de raciocínio, de seleção e de combinações de processos técnicos específicos do jogo” (p.48). Por exemplo, para realizar um dos princípios operacionais dos esportes coletivos, que é fazer a bola progredir no ataque, o aluno deve compreender quais ações deve realizar. Deverá se desmarcar, colocando-se em relação aos adversários, aos companheiros e ao alvo de forma que venha a ser útil para o objetivo do grupo, que é a marcação do ponto. Se estiver de posse da bola, poderá passá-la, driblá-la buscando um melhor posicionamento ou lançá-la em direção ao alvo tentando marcar ponto.

Para realizar outro princípio operacional dos esportes coletivos, por exemplo, na defesa, impedir a progressão dos jogadores e da bola para o próprio alvo, poderá realizar determinadas regras de ação, tais como, tentar interceptar o passe, pressionar o adversário de posse da bola, pressionar o adversário sem bola mas possível receptor do passe.

Estas regras de ação são desenvolvidas a partir das intenções táticas tanto individuais quanto coletivas, uma vez que a atitude individual do aluno no desenvolvimento dos esportes coletivos está intimamente relacionada com a demanda coletiva do jogo, com a lógica tática deste. Dessa forma, estará se evitando a concepção de que para uma equipe praticar bem determinada modalidade deverá haver a mera somatória das qualidades técnicas individuais. Bayer demonstra que é nesse sentido que devem se concentrar as preocupações do educador, pois ele deverá evitar as concepções mecanicistas que privilegiam, de maneira exagerada, as aquisições técnicas. O que se pretende é estimular a inteligência tática dos alunos e sua disponibilidade perceptivo-motora, evitando a repetição de gestos e fugindo do risco da especialização precoce. Segundo o autor, aprender não é somente ser capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer respostas adaptadas através de diferentes meios.

O autor especifica também diferentes momentos ou fases dos processos de aquisição dos elementos constituintes dos esportes coletivos. São eles:

1. primeira fase: período de orientação-investigação, no qual o aluno se encontra com uma situação problema a resolver. A descoberta de soluções para determinada situação faz-se pela exploração e pelas experiências vivenciadas;

2. segunda fase: período de habituação-conjunção, durante o qual o aluno procura dar significação aos elementos essenciais, preparando o meio onde eles se desenvolvem e relacionando as experiências com objetivos específicos dos esportes;

3. terceira fase: período de reforço ou de estabilização, onde a automatização de um comportamento se dá pela tomada de consciência conduzindo à condutas plásticas que serão úteis para a prática não só de uma modalidade esportiva quanto para a transferência para outras situações.

Tendo em vista estas considerações, o autor defende que o ponto de partida para efetivação de sua proposta - a chamada Pedagogia das Intenções - é a atividade em si, que constitui o primeiro momento da experiência, pois é na realidade social que se encontra a máxima expressão e intensidade do jogo. Essas atividades podem se expressar segundo manifestações lúdicas, através de jogos, ou mesmo exercícios dirigidos⁴ que, tendo um caráter de jogo reduzido, conservam os princípios indispensáveis à compreensão do problema.

Nesse sentido, o docente deve confrontar o aluno com os problemas que será capaz de resolver, tendo em vista que essas possibilidades explicitam as significações que o aluno dá à atividade e aos acontecimentos vividos. Assim, estaria se possibilitando ao aluno uma qualidade no pensamento tático, a fim de que este se torne um jogador inteligente, capaz de agir por si próprio, utilizando os seus conhecimentos e experiências em benefício do melhor nível coletivo do jogo.

⁴ O autor não se refere aqui aos exercícios sincronizados voltados à performance e ao aprimoramento da técnica, mas aos exercícios que possuem um caráter de jogo reduzido sem perder os princípios operacionais, possibilitando a criatividade dos jogadores.

Conhecendo os princípios operacionais e as regras de ação próprios dos esportes coletivos, o professor terá melhores condições de facilitar o aprendizado e ainda estimular o interesse dos alunos em conhecer e participar dos jogos coletivos. O aluno dominará, não só determinadas técnicas específicas dos esportes coletivos, mas será capaz de transferir os princípios operacionais para outras situações ou outras modalidades esportivas.

Durante o jogo, o aluno precisa escolher uma resposta dentre as possibilidades que surgem. Para esta escolha, ele precisa compreender a lógica do jogo e optar pela solução mais adequada para que o objetivo da equipe seja alcançado. O aluno que compreende a estrutura dos esportes coletivos poderá aplicar os princípios comuns às modalidades e solucionar com criatividade e autonomia as situações que vão surgindo. Os jogadores devem considerar sempre o interesse coletivo, uma vez que suas decisões dependem diretamente de como as equipes estão se comportando no momento.

Entendendo os esportes coletivos como um dos conteúdos da Educação Física escolar, podemos sugerir que seu ensino ocorra a partir das discussões anteriores, evitando, assim, a prática mecânica dos gestos técnicos, que acabam por excluir muitos alunos da prática esportiva. Além disso, ao trabalhar a partir dos princípios operacionais dos esportes coletivos, o profissional de Educação Física não ficará restrito a apenas uma ou duas modalidades esportivas, já que os alunos irão compreender a estrutura comum das diferentes modalidades coletivas.

Na escola, a partir desta compreensão dos esportes coletivos, várias situações podem ser propostas. Por exemplo, o professor pode criar jogos com duas ou mais equipes adversárias, utilizando um objeto e um alvo. Dessa forma, as equipes poderão se organizar e decidir o que farão na situação de ataque ou defesa. As regras podem e devem ser modificadas, adequando a atividade às características do grupo, propiciando uma atividade mais interessante que mantém o desafio para as equipes e o objetivo principal da atividade.

Um exemplo de atividade simples que pode ser desenvolvida com crianças por volta dos nove anos é: os alunos, em trios, são subdivididos formando uma dupla e um jogador sozinho; a dupla começa com o objeto (ataque) que pode ser uma bola; o jogador sozinho terá que proteger um alvo (defesa), que pode ser um arco; enquanto a dupla tenta colocar o objeto do jogo no alvo, o jogador sozinho tenta evitar que isto aconteça; quando o objetivo é atingido trocam-se as funções. A partir desta atividade, muitas variações podem ser realizadas, tais como a bola ser trabalhada com as mãos, utilizando o drible, trabalhando-se a bola com os pés, o número de jogadores pode aumentar, tendo igualdade ou superioridade numérica no ataque ou na defesa, o alvo pode ser o próprio gol, a tabela, a cesta, um objeto pendurado no gol, cones, pinos etc. Quais os princípios operacionais tratados na atividade descrita?

Para desenvolver a atividade proposta acima, entre outras, o professor deve ter um objetivo em mente que considere evidentemente o conhecimento que os alunos já possuem e também os próximos a serem priorizados. Os objetivos que nos levaram à construção da atividade anterior foram proporcionar às crianças a compreensão de que trocando passes com o colega fica mais fácil que o objeto (bola) alcance seu alvo (arco); que passando a bola para um colega rapidamente, o defensor terá dificuldades de chegar antes da bola, pois a bola pode ser mais rápida que as pessoas. Conforme a compreensão desta situação por todos os alunos - que jogaram tanto na defesa quanto no ataque - o professor deve aumentar a dificuldade da atividade tornando-a mais desafiadora. Com essa simples atividade, alguns princípios operacionais dos esportes coletivos estarão sendo garantidos, como a conservação da bola, sua recuperação, a progressão em direção a um alvo, a proteção do próprio alvo.

O que acaba acontecendo no ensino dos esportes, tanto em escolas quanto em clubes, é a tipificação por modalidade durante todo o processo. Ensina-se o basquetebol desde idades precoces, ou ensina-se o futebol, ou o handebol, sem a preocupação do professor em garantir

que os alunos sejam conhecedores dos princípios operacionais de boa parte dos esportes coletivos. O aluno, submetido desde cedo a um processo de repetição de movimentos específicos de uma única modalidade, muitas vezes torna-se limitado para outras práticas. Ele reproduz as técnicas da modalidade sem demonstrar inteligência tática, criatividade e autonomia em relação aos esportes coletivos. No clube, evidentemente, as características principais da modalidade a ser desenvolvida precisam estar mais presentes, afinal os alunos vão para aprender a jogar futebol, por exemplo. A adaptação da situação apresentada acima para o futebol seria com uso dos pés e o alvo poderia ser uma área para a bola passar, limitada por cones. Deve-se garantir que o aluno entenda a lógica do jogo e seus princípios, pois assim poderá jogar melhor na escola ou na rua, não só o futebol, mas outros jogos.

As crianças e adolescentes que freqüentam a escola ou as muitas “escolinhas” de esportes, podem se beneficiar com a proposta discutida, assim como as pessoas adultas e idosas que também “jogam bola” ou poderiam jogar se houvesse maiores oportunidades. Tornando os esportes coletivos acessíveis a todos, qualquer pessoa se interessaria em assistir criticamente e, principalmente, praticar ativamente as diferentes modalidades esportivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAYER, C. O ensino do desporto colectivo. Lisboa: Dinalivros, 1994.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A, OLIVEIRA, J. (Orgs.) O ensino dos jogos desportivos. 2ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE PEDAGOGIA DO MOVIMENTO. O ensino dos esportes coletivos. Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Vol. 1, p. 669-672, 1997.

Endereço: Grupo de Estudo e Pesquisa Educação Física e Cultura
a/c. Prof. Dr. Jocimar Daolio
Faculdade de Educação Física da UNICAMP
Caixa Postal 6134 - Barão Geraldo
Campinas - SP
CEP: 13084-100
Tel: (019)788-8465